

CARLOS TAIBO

COLAPSO

Capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo

Tradução:

Marília Andrade Torales Campos e
Andréa Macedônio de Carvalho

Editora
UFPR



COLAPSO

Capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo



Reitor

Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora

Graciela Inês Bolzón de Muniz

Pró-Reitor de Extensão e Cultura

Leandro Franklin Gorsdorf

Diretor da Editora UFPR

Rodrigo Tadeu Gonçalves

Vice-Diretor da Editora UFPR

Hertz Wendel de Camargo

Conselho Editorial que Aprovou Este Livro

Allan Valenza da Silveira

Angela Couto Machado Fonseca

Claudio José Barros de Carvalho

Cristina Gonçalves de Mendonça

Fernando Cerisara Gil

José Carlos Cifuentes

Lilian Carolina Rosa da Silva

Margarete Casagrande Lass Erbe

Prila Leliza Calado

CARLOS TAIBO

COLAPSO

Capitalismo terminal, transição ecossocial, ecofascismo

Tradução:

Marília Andrade Torales Campos e
Andréa Macedônio de Carvalho

Editora
UFPR

© *Los Libros de La Catarata*, 2016.
Colapso. Capitalismo terminal, transición ecosocial, ecofascismo

COLAPSO

Capitalismo terminal, transición ecosocial, ecofascismo

Coordenação editorial

Rachel Cristina Pavim

Revisão

Francisco Innocência e Luana Zacharias Karam

Revisão final

Das Tradutoras

Projeto gráfico, editoração eletrônica e capa

Reinaldo Weber

Série Pesquisa, n. 345

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ – SISTEMA DE BIBLIOTECAS
BIBLIOTECA CENTRAL – COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS

T129c Taibo, Carlos, 1956-
Colapso: capitalismo terminal, transição ecosocial, ecofascismo \ Carlos Taibo; tradução: Marília Andrade Torales Campos e Andréa Macedônio de Carvalho. - Curitiba: Ed. UFPR, 2019.
189 [2] p.; 22 cm. - (Série pesquisa, n. 345).
Tradução de: Colapso: capitalismo terminal, transición ecosocial, ecofascismo. Incluir referências: p. 183-[191]. ISBN 978-85-8480-180-0.

1. Crescimento negativo (Economia). 2. Espanha - Condições econômicas - Séc. XXI. 3. Capitalismo. I. Campos, Marília Andrade Torales, 1968-. II. Carvalho, Andréa Macedônio de, 1986-. III. Título. IV. Série.

CDD: 330.946

CDU: 338(460)

ISBN 978-85-8480-180-0

Ref. 967

Direitos desta edição reservados à

Editora UFPR

Rua João Negrão, 280, 2º andar - Centro

Tel.: (41) 3360-7489

80010-200 - Curitiba - Paraná - Brasil

www.editora.ufpr.br

editora@ufpr.br

2019

“A rã não bebe água do charco em que vive”
(Provérbio sioux)

“Previsões são muito difíceis. Especialmente
quando se referem ao futuro”
(Niels Bohr)

Sumário

Prólogo à edição brasileira / 9

Prólogo / 11

1. O conceito de *colapso* / 19

Definir o colapso / 19

As arestas do conceito de *colapso* / 22

Os colapsos do passado / 33

Dois colapsos contemporâneos / 38

2. As eventuais causas do colapso / 45

A mudança climática / 46

O esgotamento das matérias-primas energéticas / 52

Às voltas com o petróleo / 58

Outras fontes de energia / 62

O que deve preocupar mais: a mudança climática ou o esgotamento das matérias-primas energéticas? / 72

Outras matérias-primas / 74

Ataques contra a biodiversidade / 75

Um panorama demográfico inquietante / 78

Uma delicadíssima situação social / 80

A fome / 81

A água que falta / 85

A expansão das doenças / 87

Um ambiente inabitável para as mulheres / 88

O efeito multiplicador da crise financeira / 89

Estados, guerras, terrorismo / 90

A tecnologia / 93

A pegada ecológica / 94

Um mito contemporâneo: o crescimento econômico / 95

3. O cenário pós-colapso / 99

Quando será o colapso? / 100

As características gerais / 101

A Península Ibérica / 120

4. A resposta alternativa / 123

Os perfis do projeto alternativo / 126

Uma experiência prática: Cuba diante da escassez
do petróleo / 144

5. O ecofascismo / 149

O ecofascismo primogênito: a Alemanha hitleriana / 150

Demografia e autoritarismo / 154

Impérios e países do Sul / 156

Frente ao colapso, servem os modelos autoritários? / 159

6. As percepções populares sobre o colapso / 163

Ignorância e negacionismo / 164

Um otimismo sem freio / 166

A culpa e a conspiração / 168

O ciclo de Elisabeth Kubler-Ross / 170

7. Conclusão / 173

Referências / 183

Prólogo à edição brasileira

Infelizmente, a teoria que se desenvolve neste livro tem um caráter planetário, e não há motivo nenhum para concluir que o Brasil fica longe dos conceitos que se empregam nestas páginas. Muito pelo contrário – e em virtude de elementos que procedem do passado e de outros que se manifestam no presente –, o Brasil parece estar no centro de muitos dos debates que se estudam nesta obra. Quando falo de elementos que vêm do passado, estou pensando, por exemplo, no desmatamento da Amazônia ou no crescimento sem medidas, e sem plano, de cidades como São Paulo ou Rio de Janeiro. Quando faço referência, no entanto, a realidades que se revelam no presente, o que tenho na cabeça é, por um lado, a condição de um país que é uma das principais economias emergentes, imerso no turbilhão da adoração do crescimento e das tecnologias, mas marcado também, por outro lado, pelas previsíveis consequências de uma crise que pode multiplicar os efeitos da presença de dimensões facilmente vinculáveis ao conceito de colapso. Sabe-se que nos momentos de crise o meio natural não é precisamente objeto de singular atenção.

Sou consciente, porém, de que é razoável concluir que um trabalho dessa natureza mereceria uma adaptação, que não está entre as minhas possibilidades, ao cenário mental – falo agora de um âmbito diferente – próprio de brasileiros e brasileiras. As coisas não se apresentam da mesma maneira e os antecedentes históricos e de imaginário não são os mesmos no norte europeu e no sul latino-americano. Mesmo assim, acho que a maioria das categorias empregues neste livro, por serem universais, são perfeitamente compreensíveis para um leitor, ou uma leitora, que more no Brasil. Agradecerei, de qualquer forma, todos os comentários que possam chegar de pessoas que contribuam para enriquecer as discussões relativas ao colapso.

Permita-me o leitor que termine com a menção de algo que, porventura, falte neste livro. Em algum momento nestas páginas, saliente que, segundo uma versão dos fatos que considero confiável, o período crítico de manifestação de um colapso geral do sistema é o

que separa os anos 2020 e 2050. Imaginemos que o colapso em questão se manifeste no ano 2045. Parece inevitável formular, então, uma pergunta importante: o que acontecerá no quarto de século que nos separa dessa data? Se nos debates desenvolvidos na Europa frequentemente sublinhei que, sob meu ponto de vista – e para descrever o cenário do pós-colapso –, não seria adequado falar em uma terceira guerra mundial, mas sim em uma ordem semifeudal com os senhores enfrentados pelos seus servos de ontem, é preciso se perguntar se antes de 2045 não se poderia manifestar, porém, uma nova guerra planetária. A existência dessa possibilidade – e na realidade há quem pense que já estamos imersos nessa guerra – faz com que nos organizemos e façamos frente a um horizonte no qual o ecofascismo retratado em um dos capítulos deste livro poderia se revelar, em condições infelizmente propícias para os seus interesses, antes do colapso. De qualquer forma, a consideração do colapso que vem, que é o alicerce deste modesto livro, não pode se traduzir em um esquecimento da realidade cotidiana que hoje conhecemos.

Quero agradecer, enfim, aos amigos e amigas da Universidade Federal do Paraná, e nomeadamente à Marília Andrade Torales Campos, o esforço de trabalho e de recursos que representa a tradução brasileira desta obra. Espero poder recompensar, no futuro, esse esforço.

Carlos Taibo, agosto de 2017.

Prólogo

Em diversos atos públicos fiz referência ao risco de sofrermos um colapso geral do sistema. Tendo em vista que esse argumento certamente geraria controvérsias, ao longo do tempo acumulei experiências, de todos os tipos, relativas a este debate. E, por vezes, pareceu-me que era urgente fincar meus dentes no conceito de colapso e seu contexto, visto que ele poderia muito bem acontecer, apesar de muitas pessoas empregarem essa mesma palavra em diferentes realidades. Sendo assim, este livro é um exercício de esclarecimento, para mim mesmo, da disputa sobre as várias arestas que o conceito em questão apresenta. O livro está ordenado em sete capítulos. O primeiro trata do mencionado conceito de *colapso* e considera os problemas analisados e ponderados das lições oriundas de colapsos registrados no passado. O segundo considera as prováveis causas de um colapso sistêmico global, com especial atenção para a mudança climática e o esgotamento de matérias-primas energéticas. O terceiro, de caráter inequivocamente especulativo, analisa as possíveis consequências de um colapso. O quarto e o quinto abordam as duas possíveis respostas para este: os movimentos pela transição ecossocial e o que tem sido chamado de ecofascismo. O sexto capítulo, por sua vez, atenta para as percepções populares sobre o colapso, enquanto o sétimo – e último – procura extrair algumas conclusões de caráter geral.

Gostaria de deixar claro desde o início que de modo algum sou capaz de afirmar que em uma ou outra data se vai confirmar um colapso geral do sistema, diante de nossos olhos. A tese que, de forma desapaixonada, defendo neste livro é mais cautelosa e se limita a adiantar que esse colapso é provável considerando os numerosos dados em nosso poder. A partir desse ponto de vista, o livro que o leitor tem em suas mãos, que não incorpora nenhuma certeza absoluta, inclui um modesto convite à reflexão e à prudência, que se resume na figura do *pater familias diligens* (pai de família diligente) mencionada por Castoriadis. Limito-me a recordar que, em uma fase tão delicada como esta da crise ecológica, nossa resposta não pode ser como esta que o filósofo atribuía a um pai – ou a uma mãe – que, após ser

avisado de que o filho tinha uma doença grave, em vez de recorrer aos melhores médicos, limitou-se a racionalizar, dizendo: “Bem, se é possível que o meu filho tenha uma doença grave, também é possível que não a tenha, de maneira que me parece razoavelmente justificado ficar de braços cruzados”. Diante disso, esse pai de família conscientemente disse a si próprio: “Já que os problemas são enormes, e mesmo que as probabilidades de manifestação sejam escassas, procedo com a maior prudência, e não como se nada estivesse acontecendo”¹.

Que este seja um texto prudente, não significa de modo algum que se deseje ocultar a magnitude dos fatos. O primeiro deles trata-se, como não poderia deixar de ser, da combinação entre mudança climática, esgotamento das matérias-primas energéticas, problemas demográficos e uma crise social e financeira de profundidade dificilmente redutível. O segundo, agrega dados que refletem uma progressiva e rápida deterioração da situação. Acrescento, em suma, que há motivos suficientes para concluir que é provável que, amparados pelo que parece ser uma genuína saída para adiante, chegaremos tarde se nosso propósito, lógico, for evitar o colapso. O cenário mental e político que herdamos é muito delicado e nos obriga a realizar sacrifícios na forma de respostas urgentes e contundentes, em um momento no qual as restrições são muitas. Se William Ophuls lembra a esse respeito que Gibbon atribuiu a decadência de Roma ao que descreveu como uma “grandeza imoderada”, isto é, um excesso de orgulho e presunção,² Elizabeth Kolbert enfatizou que a história revela que a vida exhibe uma formidável capacidade de adaptação, mas que essa capacidade não é infinita.³ As extinções em massa, afirma Kolbert, castigam sobretudo os mais fracos, mas não deixam intactos os mais fortes.⁴ Parece, de qualquer forma, que estamos adentrando

1 CASTORIADIS, C. *Une société à la dérive*: Entretiens et débats 1974-1997. Paris: Seuil, 2005, p. 242.

2 OPHULS, W. *Immoderate Greatness: Why Civilizations Fail*. North Charleston: CreateSpace, 2012, p. 2.

3 KOLBERT, E. *The Sixth Extinction: An Unnatural History*. New York: Bloomsbury, 2014, p. 265.

4 *Ibidem*, p. 268.

uma *terra incognita* marcada por inevitáveis reduções na população e na produção industrial.

Em alguns dos meus trabalhos anteriores interessei-me por categorizar o chamado *antropoceno*. Para Paul Crutzen, uma vez concluído o Holoceno, que se iniciou há 11.500 anos⁵ e se encerrou na década de 1780 – quando Watt aperfeiçoou a máquina a vapor –, abriu-se caminho para uma nova etapa da história do planeta.⁶ Nesta nova era, o antropoceno, o homem foi transformado numa genuína força geológica que passou a alterar o clima, o que permitiu não somente que sejamos grandes depredadores, como também grandes desperdiçadores de recursos.⁷ Como o ser humano está imerso em uma verdadeira tirania sobre a natureza – quantas vezes não se falou da *conquista* desta última –, já não faz mais sentido concebê-lo como uma mera parte integrante do mundo natural. O *Homo colossus*, depredador e consumidor de recursos escassos não renováveis, de apetite ilimitado e projeto insustentável, parece empenhado em acabar com um planeta cuja condição explica que o ser humano exista como tal.⁸ E nesse esforço macabro não há nenhum espaço – regiões, montanhas, oceanos, polos – a que se permita escapar das nossas agressões. Embora existam aqueles que pensam que o antropoceno é um estágio que demonstra, de maneira afortunada, a supremacia e a capacidade de controle e invenção da espécie humana, como se estes não acarretassem nenhum risco,⁹ neste texto me vejo forçado a seguir uma via de interpretação muito diferente que aponta, acima de tudo, para as muito delicadas consequências de nossa conduta.

Uma delas é a implementação de mudanças extremamente rápidas, para as quais, evidentemente, estamos mal preparados, sobretu-

5 BONNEUIL, C; FRESSOZ, J.-B. *L'événement anthropocène*. La Terre, l'histoire et nous. Paris: Seuil, 2013, p. 17.

6 KOLBERT, E. *Field Notes from a Catastrophe*: Man, Nature, and Climate Change. New York: Bloomsbury, 2006, p. 186.

7 LORUIS, C; CARPENTIER, L. *Voyage dans l'Anthropocène*: Cette nouvelle ère dont nous sommes les héros. Arles: Actes Sud, 2010, p. 70.

8 CATTON Jr., W. R. *Bottleneck*: Humanity's Impending Impasse. [S.l.]: Xlibris, 2009, p. 144.

9 HEINBERG, R. *Afterburn*: Society Beyond Fossil Fuels. Gabriola Island: New Society, 2015, p. 104.

do porque parece óbvia a nossa incapacidade para ir além do curto prazo. Estamos assumindo riscos que jamais aceitaríamos na vida cotidiana. Lynas menciona o testemunho de um especialista que, no ano de 2007, e com base em um prognóstico que hoje nos parece muito otimista, concluiu que havia sete por cento de chances de aumento de dois graus na temperatura média no planeta. É evidente, no entanto, que ninguém subiria em um barco com 7% de chances de naufragar.¹⁰ Hamilton, no entanto, lembra que, de acordo com uma estimativa, se as emissões de CO₂ dos países pobres atingirem seu nível máximo em 2030 e, a partir desse momento, reduzirem-nas em 3% ao ano, enquanto as dos países ricos atingiram seu clímax em 2015 e também passaram a reduzi-las em 3% ao ano a partir de então, teremos apenas 50% de chances de evitar que a temperatura média do planeta se eleve inquietantemente acima dos quatro graus centígrados.¹¹

Para expressar de outra maneira, estamos imersos em uma espiral infernal. “Nossa civilização industrial foi obrigada a acelerar, a se fazer cada vez mais complexa e a consumir cada vez mais energia”, afirmam Servigne e Stevens.¹² Não nos esqueçamos de que a cada ano consumimos combustíveis fósseis em volume equivalente ao que a natureza demorou um milhão de anos para forjar.¹³ Em virtude de um sublime paradoxo, aquilo que comumente entendemos como *progresso* acarreta um formidável exercício de destruição do meio natural. Não parece ser um grande consolo o argumento de que hoje dispomos de conhecimento do que ocorreu no passado, que nos permite extrair conclusões sólidas. Temo que esse conhecimento dificilmente tenha influência sobre as decisões dos governantes e tampouco perpassa a maioria das nossas percepções cotidianas. O resultado não é outro senão um grande exercício de imprevisibilidade.

10 LYNAS, M. *Seis graus: O nosso futuro num planeta em aquecimento*. Porto: Civilização, 2007, p. 231.

11 HAMILTON, C. *Requiem for a Species: Why We Resist the Truth About Climate Change*. Abingdon: Routledge, 2015, p. 196.

12 SERVIGNE, P.; STEVENS, R. *Comment tout peut s'effondrer*. Paris: Seuil, 2015, p. 127.

13 LYNAS, 2007, *op. cit.*, p. 239.

Recorro a uma reflexão sugestiva de Stephen Emmott, que já utilizei em outros momentos. Imaginemos – disse Emmott – que a comunidade científica chegasse à conclusão inquestionável de que em um determinado dia do ano de 2072 um asteroide se chocará com a Terra e provocará o desaparecimento de 70% da vida existente nela. Pareceria inevitável que, diante de um risco como esse, os governos, os cientistas, as universidades, as forças armadas e as empresas levantassem as mangas para a tarefa de buscar, com a maior urgência, uma fórmula que permitisse evitar a colisão ou, ao menos, mitigar seus efeitos.¹⁴ Pois bem: o que temos agora diante dos olhos em muito se parece com o exemplo do asteroide, com duas diferenças interessantes. Embora, por um lado, não possamos precisar uma data para a catástrofe, por outro esta última é produto, surpreendentemente, da ação da espécie humana.

Permitam-me repetir que há muitos motivos para afirmar que, em sociedades traumatizadas e traumatizantes,¹⁵ estamos sempre atrasados. Nossos governantes, com algumas raras exceções, não estão dispostos a reconhecer o risco do colapso ou, o que é a mesma coisa, não levam a sério a delicada combinação de elementos aos quais me refiro. Sua posição principal é retratada simbolicamente por um par de frases feitas empregadas por muitas das pessoas que dirigem os Estados Unidos (EUA). A primeira afirma que o estilo de vida norte-americano é irrevogável e a segunda reforça que o que é bom para a General Motors é bom para o país. É lógico que, nessas condições, recebamos com ceticismo a leviandade das respostas que provêm dos discursos oficiais, em que uma sombria mistura de interesses preestabelecidos e de curto prazo se traduz num constante adiamento do debate ou, pior ainda, na adoção de medidas meramente paliativas.¹⁶

14 EMMOTT, S. *10 Billion*. London: Penguin, 2013, p. 91.

15 HEINBERG, R. *A New Covenant with Nature*. Wheaton: Quest, 1996, p. XIII.

16 No melhor dos casos, recordamos que a espécie humana tem sido capaz de reagir rápida e decisivamente em situações delicadas. Para provar isso, por exemplo, está o fato de que, durante a Segunda Guerra Mundial, os gastos militares dos EUA cresceram de 1,6% do produto interno bruto para 37% em apenas quatro anos (GILDING, P. *The Great Disruption: How the Climate Crisis Will Transform the Global Economy*. London: Bloomsbury, 2012, p. 129). Há quem diga que o tipo

Infelizmente, como é observado por Homer-Dixon, a economia planetária não tem um plano B.¹⁷ Parece que estamos nos esquivando mais uma vez do que bem nos lembra Herman Daly: a economia é um subsistema da biosfera, e não um sistema independente.¹⁸ Como já mencionei, o mais provável é que tenhamos que empreender mudanças radicais em condições muito delicadas, como aquelas determinadas pelo esgotamento de todas as matérias-primas energéticas que nos permitiram chegar até aqui, visto que nossa consciência dos limites é nula.

Em dois trabalhos anteriores – *En defensa del decrecimiento: sobre capitalismo, crisis y barbarie* (2009) [*Em defesa do decrescimento: sobre capitalismo, crise e barbárie*] e *¿Por qué el decrecimiento? Un ensayo sobre la antesala del colapso* (2014) [*Por que o decrescimento? Um ensaio sobre o prelúdio do colapso*] –, interessei-me por algumas das questões que abordo neste livro. Volto a elas com uma perspectiva pedagógica e com a crença de que não há – pelo menos não conheço – nenhum texto que aborde, com este perfil e estas dimensões, a discussão do colapso. Ao contrário do que sucede nesta obra, o normal é que o colapso seja encarado a partir da perspectiva de disciplinas acadêmicas específicas, como a arqueologia, a economia ou a ecologia.¹⁹ Frequentemente o interesse pelo tema se manifesta através de textos de natureza prática, que orientam – e não é de modo algum a minha intenção acometer tal tarefa – o que devemos fazer para nos preparar para o colapso ou para sobreviver a ele.

A verdade é que em espanhol contamos com uma esplêndida obra, a segunda de duas intituladas *En la espiral de la energía* [*Na espiral da energia*], do falecido Ramón Fernández Durán e de Luis

de mobilização necessária para enfrentar a mudança climática e o pico do petróleo deveria ser semelhante ao registrado nos EUA quando o país decidiu intervir na Segunda Guerra Mundial (HEINBERG, R. *Peak Everything: Waking Up to the Century of Declines*. Gabriola Island: New Society, 2010, p. 140).

17 HOMER-DIXON, T. *The Upside of Down: Catastrophe, Creativity, and the Renewal of Civilisation*. London: Souvenir, 2006, p. 94.

18 ORR, D. W. *Down to the Wire: Confronting Climate Collapse*. Oxford: Oxford University, 2009, p. 196.

19 SERVICINE, P.; STEVENS, R., 2015, *op. cit.*, p. 109.

González Reyes.²⁰ Esse trabalho reúne de maneira brilhante uma esmagadora e bem tratada informação a respeito do colapso. É, no entanto, uma obra extremamente complexa e no contexto atual é difícil que chegue às muitas pessoas que deveriam se interessar por essa discussão e suas ramificações. Em nosso panorama editorial e mesmo na internet, nem sequer são disponibilizadas as traduções de textos estrangeiros que satisfaçam nossa sede de conhecimento. Apesar de dispormos de uma rica informação no grupo de *Facebook* intitulado “Colapso” e de haver *web sites* muito interessantes, como o que é mantido por Antonio Turiel, o grosso da bibliografia sobre o colapso tem sua origem nos Estados Unidos, fato que por si só já mereceria uma reflexão. Parece que esta profunda combinação de problemas sociais, desperdício – o norte-americano médio consome três vezes mais energia que o europeu médio²¹ – e a subordinação da política aos negócios configura o cenário mais adequado para se pensar em um futuro muito delicado. Os que mais sabem sobre o colapso são, de qualquer forma, aqueles que já o sofreram na sua carne. Mas explicar o que é o colapso para uma criança nascida na Faixa de Gaza parece tão difícil...

20 FERNÁNDEZ DURÁN, R; GONZÁLEZ REYES, L. *En la espiral de la energía: Colapso del capitalismo global y civilizatorio*. Madrid: Libros en Acción, 2014, v. 2.

21 GREER, J. M. *The Long Descent: A User's Guide to the End of the Industrial Age*. Gabriola Island: New Society, 2008, p. 136.